



Os Estados Unidos e a diplomacia das balas

Glauber Lopes Xavier¹

Resumo

Trata-se da resenha da obra “Balas de Washington: uma história da CIA, golpes e assassinatos”, de Vijay Prashad. Nela, seu autor expõe a natureza da prática diplomática norte-americana no mundo, pautada pelo recurso à ameaça e à violência. Ao longo do pós-segunda guerra mundial os Estados Unidos não pouparam esforços a fim de ampliar e disseminar territorialmente seu poder militar, submetendo boa parte do globo ao seu projeto imperialista com vistas à espoliação de recursos naturais, especialmente energéticos. A América Latina não esteve imune a essa ofensiva, tendo sido palco de diversos golpes políticos que contaram com a participação dos Estados Unidos. O livro foi prefaciado por Evo Morales, ex-presidente da Bolívia e cuja saída do governo em 2019 se deu a partir de um golpe com o envolvimento direto da Organização dos Estados Americanos, a OEA.

Palavras chave: Diplomacia, Estados Unidos, Geopolítica.

Los Estados Unidos y la diplomacia de las balas

Resumen

Esta es la reseña de la obra “Bullets of Washington: una historia de la CIA, golpes y asesinatos”, de Vijay Prashad. En él, su autor expone la naturaleza de la práctica diplomática estadounidense en el mundo, basada en el uso de la amenaza y la violencia. A lo largo de la posguerra, Estados Unidos no escatimó esfuerzos para expandir y diseminar territorialmente su poder militar, sometiendo gran parte del globo a su proyecto imperialista con miras al saqueo de los recursos naturales, especialmente la energía. América Latina no fue inmune a esta ofensiva, habiendo sido escenario de varios golpes políticos que contaron con la participación de Estados Unidos. El libro fue precedido por Evo Morales, expresidente de Bolivia y cuya salida del gobierno en 2019 surgió de un golpe de estado con la participación directa de la Organización de Estados Americanos, la OEA.

Palabras clave: Diplomacia, Estados Unidos, Geopolítica.

¹ Economista. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás. Realizou estágio de pós-doutorado no CPDA/UFRRJ. Professor efetivo da Universidade Estadual de Goiás, atuando no curso de Ciências Econômicas e no PPG TECCER. Conduz pesquisas sobre a economia política do capitalismo periférico. glau-berlx@gmail.com

The United States and Bullet Diplomacy

Summary

This is the review of the work “Bullets of Washington: a history of the CIA, coups and murders”, by Vijay Prashad. In it, its author exposes the nature of American diplomatic practice in the world, based on the use of threat and violence. Throughout the post-World War II, the United States spared no effort to expand and disseminate its military power territorially, subjecting much of the globe to its imperialist project with a view to the plunder of natural resources, especially energy. Latin America was not immune to this offensive, having been the scene of several political coups that counted on the participation of the United States. The book was prefaced by Evo Morales, former president of Bolivia and whose departure from the government in 2019 came from a coup with the direct involvement of the Organization of American States, the OAS.

Key words: Diplomacy, United States, Geopolitics.

Com aguda sensibilidade é que Vijay Prashad narra suas experiências, as experiências dos outros, dos povos colonizados, oprimidos e subalternizados pelo imperialismo norte-americano em sua mais recente obra “Balas de Washington: uma história da CIA, golpes e assassinatos”, publicada pela editora Expressão Popular. Com base naquilo que leu, que ouviu e que pôde acompanhar, Prashad construiu um relato histórico preciso, absolutamente desprovido de tergiversações, sobre os métodos vis, alguns menos, outros mais explícitos, adotados pelo governo dos Estados Unidos para demarcar e expandir seu poder econômico e militar sobre o mundo. Suas narrativas são estarrecedoras, não dão margem para qualquer dúvida sobre a hipocrisia, a dissimulação e a desonestidade que marcam a diplomacia do império ianque.

Distribuídas em três partes, o registro histórico, preñado de reflexões, percorrido por Prashad é nauseante ao leitor que compartilha de ideais humanistas e que reconhece a mazela humana e social dos povos da periferia. Trata-se de um relato sobre a diplomacia do assassinato, costumeira entre as práticas norte-americanas em matéria de política externa. Prashad mostra como um corpo tecnocrata erigido dos escritórios da CIA promovem toda sorte de hostilidades, violências, torturas e atrocidades sob o manto da pretensa disseminação da democracia e da liberdade.

E mais, como tal empreitada foi gestada e se proliferou diante da ameaça dos valores evocados pelo comunismo. “São as balas que foram polidas pelos burocratas da ordem mundial que desejavam conter o maremoto emergido da Revolução de Outubro de 1917 e das muitas ondas que açotaram todo o mundo para formar o movimento anticolonial.” (PRASHAD, 2020, p. 18). Não há metáfora melhor para ilustrar o modo pelo qual os Estados Unidos

sufocaram e continuam a sufocar as tentativas de emancipação dos países periféricos: AS BALAS. Contudo, não se trata de metáfora, mas de um dado concreto, justificado pelo fato de que cabe aos civilizados, ainda que pelo uso de tais recursos, promover a pacificação *urbi et orbi*.

A inferioridade do nativo por si só fornece álibi ao extermínio de suas lideranças. Afinal, “O colonizador nunca é o terrorista. É sempre o selvagem que o é.” (PRASHAD, 2020, p. 32). Uma dentre as várias reflexões promovidas na obra é o ardil institucional e legislativo por meio do qual é operada a interferência nas vidas de outros povos. Esse instrumento foi coroado pelo que Prashad denominou de “poder preponderante” dos Estados Unidos, munidos pelo arcabouço institucional forjado no pós-2ª Guerra Mundial. Compõe o arsenal político-ideológico-institucional norte-americano durante esse período a chamada Doutrina Truman por meio da qual foram promovidas guerras híbridas e assimétricas a fim de impedir os processos de descolonização, ademais da interferência em processos eleitorais em vários países.

É claro que, conforme expõe o autor, os mecanismos de exercício do domínio e da opressão sobre o chamado terceiro mundo serão bastante aperfeiçoados e, assim, as ações militares – quando possível – darão lugar às sanções econômicas, financiamentos a grupos locais hostis a governos progressistas, dentre outros, a fim de aniquilar opositores. “Qualquer um que defendesse uma agenda que se assemelhasse ao nacionalismo econômico, qualquer coisa que ameaçasse o domínio do mercado das corporações transnacionais e que oferecesse uma vantagem aos comunistas teria que ser removido.” (PRASHAD, 2020, p. 70).

Isto foi o que levou a derrubada de Arbenz do poder na Guatemala em 1954, o golpe contra João Goulart no Brasil, em 1964, e contra Salvador Allende, no Chile, em 1973, além de vários outros arrolados por Prashad. Via de regra estes golpes eram perpetrados com base em algumas ações levadas a cabo pelos Estados Unidos, as quais ele apresenta como sendo os nove capítulos do manual para mudança de regime, são eles: 1. Fazer *lobby* junto à opinião pública; 2. Escolha o homem certo em campo; 3. Garanta que os generais estejam prontos; 4. Faça a economia gritar; 5. Isolamento diplomático; 6. Organize protestos massivos; 7. Sinal verde; 8. Um estudo sobre o assassinato e 9. Negue.

Especificamente sobre o oitavo ponto, Prashad (2020, p. 92) nos diz que: “Na América do Sul, o governo dos EUA trabalhou com o arquipélago de juntas militares, da Argentina ao Paraguai, para sequestrar, torturar e assassinar comunistas no continente. Esse programa, que funcionou de 1975 a 1989, foi chamado de Operação Condor. Matou cerca de 100 mil pessoas e aprisionou meio milhão.” Não obstante a exposição pública dos EUA com a chamada

“síndrome do Vietna”, estes empreenderam um enorme esforço midiático e, por meio da propaganda, apregoaram o Ocidente como sinônimo de liberdade.

Tratava-se de um projeto ideológico de confronto direto aos ideais nacionalistas do terceiro mundo, os quais tinham no comunismo importante fonte de inspiração. Para tanto, os EUA mobilizaram um discurso que coadunava interesses geopolíticos ao conservadorismo religioso católico e muçulmano, mesmo que isto significasse perseguição aos setores clericais considerados progressistas, como a chamada Teologia da Libertação. Com o fim da URSS, os EUA se viram na obrigação de engendrar novas estratégias de promoção de seu poder imperial. Com efeito, “ter domínio do espectro total sobre uma sociedade exige mais do que isso – exige uma guerra híbrida que inclui sabotagem e bloqueios econômicos, bem como campanhas culturais de mídia para minar a verdade.” (PRASHAD, 2020, p. 125).

Após as Guerras no Afeganistão e no Iraque, produzidas no bojo da chamada Guerra ao Terror, os EUA, segundo Prashad, promoveram uma ofensiva contra o Irã por meio de sanções extremamente duras. Estas, por sua vez, resultaram num grave problema de saúde pública. A mesma tática foi utilizada no golpe fracassado contra Nicolás Maduro na Venezuela. As sanções estabelecidas por Trump levaram a uma grave crise social, com a escassez de produtos básicos, como alimentos e remédios. Por outro lado, o que se passou no Brasil, com o golpe que derrubou Dilma Rousseff, se deu de um modo mais sofisticado. Valendo-se de um artifício legal, o *lawfare*, os opositores operaram a destituição da presidente e o impedimento da candidatura de Luís Inácio Lula da Silva nas eleições de 2018.

Prashad conclui a obra tratando do duro golpe contra Evo Morales na Bolívia, a quem coube o prefácio do livro. Segundo o autor, o golpe contra Morales foi chancelado pela OEA, órgão sobre o qual os EUA sempre exerceram enorme influência. Morales foi responsável por mudanças significativas durante os 13 anos que ocupou a presidência da Bolívia. Além de ter reduzido a desigualdade econômica e social, promoveu a inclusão da população indígena, a qual representa dois terços da população daquele país. Os golpes sofridos por Morales e Dilma e o malogrado golpe contra Maduro possuem em comum, além de algumas das estratégias utilizadas, a cupidez norte-americana pelos recursos naturais, especialmente minerais e energéticos, destes países.

A obra de Prashad expõe a violência que caracteriza o imperialismo norte-americano em todo o mundo e lança luzes sobre um processo espúrio que levou à queda das forças de esquerda na América Latina e a ascensão da extrema direita na última década. Evidencia que por trás dos processos políticos de deposição de várias lideranças há inúmeras balas e que o gélido metal dos artefatos da morte tem como alvo o vil metal das riquezas naturais e huma-

nas. Nas palavras de Prashad: “Este é o caminho do campo do golpe, que quer roubar a alma do povo, a fim de reduzi-lo a zumbis, que devem abaixar a cabeça e trabalhar, dedicando seu trabalho precioso à acumulação de capital para os tiranos da economia.” (PRASHAD, 2020, p. 161).

Referência

PRASHAD, Vijay. *Balas de Washington: uma história da CIA, golpes e assassinatos*. São Paulo: Expressão Popular, 2020. 167 p.